

Reduplicação no guineense

Reduplication in Guinea-Bissau Creole

Baticã Braima Ença Mané*
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

João Eusébio Imbatene**
*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
São Francisco do Conde, BA, Brasil*

Manuele Bandeira***
*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
São Francisco do Conde, BA, Brasil*

Shirley Freitas****
*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
São Francisco do Conde, BA, Brasil*

FLP 22(2)

Resumo: Neste trabalho, analisamos como se dá o processo de reduplicação no guineense sincrônico, com vista a mostrar um dos processos morfológicos da língua em questão, insurgindo assim contra postulados que põem em causa a produtividade morfológica das línguas crioulas. Com base em Scantamburlo (1999, 2002) e em dados recolhidos com alguns falantes nativos, mostramos que a reduplicação é um processo presente no guineense moderno, exercendo tanto funções gramaticais quanto lexicais e é usada para formação de itens que veiculam novas informações. Constatamos, ainda, que as categorias verbais, nominais e adverbiais podem ser reduplicadas. As formas reduplicadas assumem diferentes funções, dentre as quais a função iterativa/repetitiva é a mais presente seguida pela intensificação. Ademais, no levantamento dos dados, a categoria mais reduplicada foi a verbal.

Palavras-chave: Guineense. Reduplicação. Morfologia. Fonologia.

Abstract: In this study, we analyze how the process of reduplication occurs in synchronic Guinea-Bissau Creole aiming to present one of the morphological processes of that language, thus opposing postulates that question the morphological productivity of Creole languages. Based on Scantamburlo (1999, 2002) and on data collected with native speakers, we show that reduplication is a present process in modern Guinea-Bissau Creole because it performs both

* Mestrando do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil; manebatica@usp.br

** Graduado pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, BA, Brasil; jei011987@gmail.com

*** Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, BA, Brasil; manuelebandeira@unilab.edu.br

**** Professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, BA, Brasil; shirleyfreitas@unilab.edu.br

grammatical and lexical functions. It is also used to form items that convey new information. We also show that verbal, nominal and adverbial categories can be reduplicated. Reduplicated forms take on different functions, among which the iterative/repetitive function is the most prevalent, followed by intensification. Furthermore, according to the data, the most reduplicated category is the verbal category.

Keywords: Guinea-Bissau Creole. Reduplication. Morphology. Phonology.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Couto (2009, p. 69), os trabalhos dedicados única e exclusivamente ao estudo da morfologia do guineense¹ são poucos. Couto (2009) conclui dizendo que Mello (2007) talvez seja o único trabalho que versa exclusivamente sobre a produtividade morfológica do guineense. Em contrapartida, o autor supramencionado traça uma lista restrita de estudos que descrevem a morfologia do guineense, porém, não de forma exclusiva, entre os quais estão estudos de Scantamburlo (1999, 2002), Couto (1994), Kihm (1994), entre outros.

Desse modo, o presente estudo se propõe a analisar a reduplicação no guineense, contribuindo assim para o alargamento desse leque restrito dos estudos especializados sobre a língua crioula que se fala na Guiné-Bissau. Para o cumprimento do objetivo deste artigo, procuraremos trabalhar à luz dos estudos que concebem a reduplicação como um fenômeno produtivo do ponto de vista morfológico (Kiyomi, 1995; Kager, 1999). Portanto, é com base nesses pressupostos que propomos analisar o processo de reduplicação no guineense, que apresenta como característica principal a noção de iteratividade. Desse modo, para este trabalho, centraremos as nossas atenções em discussões do caso da reduplicação verdadeira (total), considerando que é a mais proeminente. O corpus da pesquisa, composto de 101 (cento e um) itens reduplicados (vide lista de dados), constituiu-se essencialmente a partir de levantamento bibliográfico, mais precisamente a partir de Scantamburlo (1999, 2002). Adicionalmente, recorreremos à competência de falantes nativos para suprir lacunas encontradas durante a pesquisa.

O trabalho será estruturado da seguinte forma: depois de termos feito a introdução, trataremos, no primeiro momento, do guineense; já no segundo momento, apresentaremos, com base em alguns estudos, mas, sobretudo nos de Kiyomi (1995), Kabore (1998) e Kager (1999), o conceito da reduplicação, para, em seguida, tratarmos dos procedimentos metodológicos utilizados na realização deste estudo; sequencialmente, serão apresentados os processos de reduplicação no guineense,

¹ Embora não enraizada ainda, a utilização do termo guineense neste estudo para se referir ao crioulo que se fala na Guiné-Bissau, assim como o fez Scantamburlo (1999, p. 6), tem um viés político e visa à valorização dessa língua, “verdadeiramente nacional, veicular e inter-étnica, e a evitar a conotação depreciativa que o termo crioulo tem ainda no país e no mundo”. A língua é localmente denominada de *kriyol* – em guineense – denominação essa que não vamos usar para referir esta língua por se tratar de um termo genérico. A maioria das línguas crioulas é chamada dessa forma por seus falantes (por exemplo, o crioulo haitiano é chamado localmente de *kreyòl*; o crioulo de base inglesa falado na Austrália recebe o nome de *kriol*), dessa forma, nomear uma língua como *crioulo* pode gerar confusão, já que o termo remete a diversas línguas. Assim, assumimos que o guineense é uma língua crioula em virtude das circunstâncias sócio-históricas de sua formação, contudo não usaremos o termo *kriyol* para nomeá-la.

concentrando-nos, sobretudo, na análise dos dados, e, para finalizar, faremos algumas considerações.

1.1 Guineense

O guineense é uma língua falada na Guiné-Bissau que teve (no processo da luta pela independência) e continua tendo um papel social de grande importância, tendo em conta que exerce a função de elo entre diferentes grupos sociais e é a língua de unidade nacional. É hoje considerada indiscriminadamente a língua dos guineenses, a língua de *guinendadi*², falada pela maioria da população. O uso do guineense como língua veicular abrange todos os aspectos do quotidiano dos guineenses (comércio, *djumbai*, *toka-tcur*³ e outras cerimônias étnico-religiosas) e a essas atividades e eventos se juntam os serviços de Estado, que, mesmo empregando a modalidade escrita portuguesa, que é a língua oficial, têm a comunicação oral realizada essencialmente em guineense (Augel, 2007). É de Augel a constatação de que a predominância do guineense não significa de modo algum monolinguismo e faz lembrar que enquanto o guineense predomina nas zonas urbanas da Guiné-Bissau, do lado oposto, isto é, nas zonas rurais, a predominância tende a ser de outras línguas autóctones/africanas, como fula, mandinga, balanta, pepel, entre outras (Augel, 2007, p. 84).

Importa ressaltar aqui a importância desta língua crioula na vida dos guineenses e destacar que não é encorajado o seu uso nas salas de aulas e até mesmo nos recintos escolares, entretanto, os professores frequentemente recorrem ao idioma para melhor fazer os alunos compreenderem os conteúdos. Apesar de haver propostas de normatização e fixação da sua escrita, o guineense é uma língua essencialmente oral, sendo, assim, não constitui a língua de ensino. Não obstante o exposto acima, o guineense é utilizado nas campanhas de prevenção às doenças, surtos (de cólera e ebola, por exemplo), nos anúncios publicitários das rádios e televisão nacional, nas propagandas comerciais das empresas de telecomunicação e em alguns *blogs*, nos quais, entre tantas publicações em português, aparecem algumas linhas em guineense⁴. Na opinião de Semedo (2011, p. 81), o guineense é usado para atingir a maioria da população.

No que diz respeito à formação desta língua, este assunto está envolto à polémica e tem suscitado debates. As hipóteses formuladas são as mais diversas: Naro (1978) e Carreira (1972), por exemplo, ambos citados por Rougé (1986, p. 29-32), entendem ser portuguesa e cabo-verdiana, respectivamente, a origem do guineense. A hipótese europeia se embasa em uma presunção de que os crioulos da África Ocidental teriam surgido a partir de um *pidgin* português. Já a hipótese insular, por sua vez, alega que a língua crioula que hoje se fala na Guiné-Bissau “ter-se-ia formado em Cabo Verde e que só depois teria sido transferido para o continente [leia-se Guiné-Bissau e região de Casamansa, parte do Senegal]” (Rougé, 1986, p. 31). Para Couto (1994, p.

² Um termo corrente entre os guineenses que carrega certo significado de sentimento de pertença, isto é, de ser e pensar em uma Guiné positiva.

³ *Djumbai* é um termo do guineense para descrever momentos de conversa, convívio, encontro, troca de ideias entre pessoas. *Toka-tcur*, por seu turno, são cerimônias fúnebres tradicionais, inclusive festas, praticadas por alguns grupos étnicos da Guiné-Bissau, em memória de um ente falecido.

⁴ No *blog* Ditadura de Consenso, de vez em quando, publicam-se textos em guineense, como se pode ver nesta publicação de 13 de outubro de 2017: <http://ditaduraconsenso.blogspot.com.br/2017/10/denuncia.html>.

31) não há dados que corroboram tais afirmações e atribuí uma origem continental a esse crioulo. Por não constituir o escopo deste estudo, não vamos adentrar essa discussão. Contudo, o que se pode afirmar com relativa precisão é que a origem do guineense não se deve à deformação da língua portuguesa, “mas antes se traduziu na homogeneização e africanização de certos elementos do português, correspondendo a [sic] necessidade dum dado processo histórico e social” (Rougé, 1986, p. 28).

2 REDUPLICAÇÃO

Segundo Urbanczyk (2017, p. 1), a reduplicação é um processo de formação de palavras, no qual parte ou o todo de uma palavra é copiado. Essa operação tem como propósito a criação de novos itens lexicais que veiculam novas informações. Ainda de acordo com a mesma autora, a reduplicação envolve dois conceitos básicos importantes: o reduplicante e a base. O primeiro diz respeito à parte que se repete, e o segundo refere-se à parte da palavra que fornece os segmentos repetidos.

Kiyomi (1995, p. 1146), por sua vez, fornece formulação para explicitar o conceito da reduplicação, postulando o seguinte:

Considerando uma palavra com a forma fonológica X, a reduplicação refere-se a XX ou xX (onde x é parte de X e x pode aparecer antes, depois ou no interior do X). O XX significa reduplicação total e xX se refere à reduplicação parcial. (Kiyomi, 1995, p. 1146, tradução nossa).

Além disso, ele estabelece as seguintes condições: “(i) XX ou xX deve ser relacionado semanticamente a X; (ii) XX ou xX deve ser produtivo” (Kiyomi, 1995, p. 1146, tradução nossa).

A essa condição acrescentam-se as seguintes:

- (iii) “a forma reduplicada não deve ter valor onomatopaico” (Gonçalves; Vialli, 2015, p. 127);
- (iv) “a base e o reduplicante não devem ser semanticamente opostos” (Araujo, 2002, p. 75).

Os postulados de (i) a (iv) representam em partes aquilo que constitui o padrão estrutural da reduplicação e descreve sua função morfológica, quando Kiyomi (1995, p. 1146) estabelece em (ii) que o XX ou xX deve ser produtivo.

Conforme visto, a reduplicação pode ser total ou parcial. Segundo Kager (1999, p. 194-195), quando a palavra-base é copiada na íntegra, estamos perante a reduplicação total. Contudo, quando o processo de reduplicação envolve somente a cópia de parte do(s) segmento(s) constituinte(s) da palavra-base, estamos perante a reduplicação parcial. Além disso, há outros dois conceitos para diferenciar tipos de reduplicação, a saber: a reduplicação verdadeira e a reduplicação falsa (pseudoreduplicação) (Araujo, 2002, p. 75). De acordo com esse autor, a diferença entre ambas reside no fato de, na primeira, a forma reduplicada possuir um item lexical independente, isto é, uma palavra autônoma na língua, ao contrário da reduplicação falsa, cujo item existe somente na forma reduplicada. Os exemplos em (1), (2) e (3) são ilustrações dos tipos de reduplicação mencionados nesta seção.

- (1) Reduplicação (total e verdadeira) em indonésio (Kager, 1999, p. 195):
wanita ‘mulher’ *wanita-wanita* ‘mulheres’
- (2) Reduplicação (parcial e verdadeira) em kinyakyusa (Lusekelo, 2009, p. 7):
kakuku ‘galinha pequena’ *ka**kukukuku*** ‘espécie de galinha pequena’
- (3) Reduplicação (falsa) em guineense (Dados dos autores)⁵:
**ieri* *ieri-ieri* ‘chuviscar’

Em (1), a parte reduplicada é formada por um item lexical particular, que de fato existe na língua; os casos da reduplicação verdadeira geralmente tendem a ser totais. No português brasileiro, por exemplo, temos o vocábulo *pega* ‘forma flexionada do infinitivo pegar’ e *pega-pega* ‘conflito, briga’ (Araujo, 2002, p. 76); em (2), a palavra-base, *kakuku*, é parcialmente copiada, *ka**kukukuku***, gerando, desse modo, um novo significado. Já no exemplo em (3), o item, em guineense, só existe na sua forma reduplicada. A expressão brasileira *reco-reco*, que é um tipo de instrumento musical, caracteriza esse tipo de reduplicação, tendo em vista que *reco* não existe isoladamente (Araujo, 2002, p. 75).

2.1 Função

Segundo Kabore (1998, p. 362), a reduplicação pode exercer várias funções, dentre as quais, a de “criação de nomes de animais (sobretudo animais de pequeno porte), de insetos”, entre outras. Além disso, o autor constata que em yorubá, por exemplo, a reduplicação exerce a função de alterar a categoria gramatical, como a criação de advérbio a partir de verbo (4), ou ainda a criação de nome dos agentes a partir de um verbo e de um objeto que são reduplicados juntos (5):

- (4) *dájú* ‘ter certeza’ *dájú-dájú* ‘certamente’
- (5) *paná* (=pa+iná) ‘extinguir+fogo/luz’ *paná-paná* ‘bombeiro’
- (Kabore, 1998, p. 362, tradução nossa).

No entanto, de acordo com o autor acima referenciado, talvez seja nos valores semânticos que reside um dos traços de maior destaque da reduplicação. Para sustentar sua posição, Kabore (1998) apresenta evidências que comprovam a existência de funções da reduplicação tais como: distributiva, intensificadora, iterativa ou repetitiva, entre outras como em (6).

- (6)
- a. *sappo* ‘dez’
sappo-sappo ‘dez cada; em grupos de dez’
- b. *bernde* ‘coração’
ber-bero ‘diz-se da pessoa que se enfurece muito⁶’
- c. *o warwarinií* ‘ele veio várias vezes’

⁵ Não foram encontrados casos de reduplicação falsa parcial nos dados analisados.

⁶ Tanto o *de* da forma simples assim como o *o* da forma reduplicada são marcas de classe. Segundo um informante da pesquisa, o *n* em *bernd* é destituído de qualquer significado e, como tal, trata-se apenas de um fone. A reduplicação copia apenas o primeiro CVC *ber* da sílaba inicial (pesada) menos a coda.

⁷ O autor não apresentou a forma simples do vocábulo reduplicado. Contudo, constatamos que, em uma variante do fulfulde ou fula, falada na Guiné-Bissau, a palavra correspondente ao *vir* do português

(Kabore, 1998, p. 363-365, tradução nossa)

Em fulfulde (também conhecido em outros lugares, inclusive na Guiné-Bissau, como fula), por exemplo, pode-se encontrar a reduplicação a expressar valor distributivo (6a), intensificação (6b) e iteração/repetição (6c), só para citar alguns exemplos.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O material analisado neste estudo se constituiu essencialmente a partir de bibliografia já disponível. Scantamburlo (2002) foi a nossa fonte principal. Trata-se de um dicionário bilíngue guineense/português composto de 10.567 entradas atestadas com exemplos extraídos de um corpus de 750.000 ocorrências, concebido para “dar testemunho ao léxico do Guineense” (Scantamburlo, 2002, p. 5). Ressalta-se que do total das vedetas/entradas, somente 2.456 haviam sido atestadas pelos dicionários ou livros sobre o guineense, o que faz do *Disionariu guinensi-português* o mais completo e apropriado para este estudo. Com efeito, 58 itens analisados neste artigo, em um universo de 101 casos de reduplicação, provieram do referido dicionário, através de um levantamento. Adicionalmente, recorreremos a alguns falantes nativos do guineense, inquirindo-os sobre casos de reduplicação que eles conhecem e que realmente são usados na língua, mas que não foram contemplados no estudo acima mencionado (por exemplo, *ndjita-ndjita* ‘continuar a consertar provisoriamente ou a pôr a jeito’, *muntu-muntu* ‘aos montes’, entre outros, contabilizando os demais 43 itens). Nossa concepção do que seria ou não uma palavra reduplicada seguiu os postulados determinados em Kiyomi (1995), Araujo (2002) e em Gonçalves e Vialli (2015), citados na seção 2.

As tabelas 1 e 2 trazem, respectivamente, dados quantitativos sobre a distribuição por categoria gramatical das palavras-base e das formas reduplicadas.

Tabela 1 – Dados quantitativos da palavra-base e sua distribuição por categoria gramatical.

Nome	Categoria gramatical da palavra-base			
	Verbo	Adjetivo	Advérbio	Numeral
06	72	07	05	01
Total – 91				

Fonte: Elaborado pelos autores.

A disparidade entre o número total da categoria gramatical da palavra-base disponível na tabela 1 e o número de itens de reduplicação analisados neste estudo (101) encontra sua razão de ser no fato de algumas palavras-base resultarem em mais de uma forma reduplicada, como, por exemplo, *lati* ‘estar sem força; ficar fraco’ que dá origem às formas *lati-lati* ‘perder toda força até desmaiar; estar sem nenhuma energia’ e *lati-latidu*⁸ ‘muito enfraquecido; muito flácido ou fofo’; ou ainda *sugundi* ‘esconder’ da qual provieram os termos *sugundi-sugundi* ‘continuar a ocultar-se; esconde-esconde’ e *sugundi-sugundidu* ‘escondido’. Isso significa, por conseguinte, que há formas

seria o *hari*, o que nos motivou a pensar que a palavra-base da forma reduplicada em questão, provavelmente, poderia ser *nari*, apresentando, naturalmente, variações fonéticas.

⁸ De acordo com Scantamburlo (2002, p. 140) o *-du* é o “sufixo acrescentado aos verbos transitivos ou causativos na forma do passivo”. No entanto, quando acrescentado à forma reduplicada verbal, funcionalmente o morfema *-du* é, geralmente, usado para a formação de adjetivos.

reduplicadas remetendo a mais de uma categoria gramatical. Com efeito, e a título de ilustração, valeremos da expressão *tcapa-tcapa* que por si só contém o significado verbal ‘consertar; emendar’ e ainda nominal ‘tipo de vestimenta/roupa’. Além disso, tem-se o termo *toka-toka*, o qual, a depender do contexto de uso, pode remeter ao nome ‘transporte coletivo’ ou ao verbo ‘chegar-se; ajeitar-se’. Nesse caso em que as formas reduplicadas remetem a significados (e classes) diferentes, os dados serão considerados como entradas diferentes, tendo em vista que compartilham a mesma forma fonético-fonológica, mas os significados são distintos (por isso não são equivalentes). A tabela 2 mostra os dados de reduplicação segundo sua distribuição por categoria gramatical.

Tabela 2 – Dados quantitativos de reduplicação e sua distribuição por categoria gramatical.

Nome	Categoria gramatical da forma reduplicada			
	Verbo	Adjetivo	Advérbio	Numeral
09	73	12	06	01
Total – 101				

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que concerne à análise, antes de tudo, identificamos a característica prevalecte, em termos formais, da reduplicação no guineense, principalmente no que diz respeito a seu material constituinte. Ainda no que se refere à análise, neste estudo, como no de Kouwenberg e Murray (1994), analisamos a reduplicação por meio de seleção de categorias gramaticais e lexicais, privilegiando os casos da reduplicação verdadeira e total devido a sua proeminência na língua. Por outras palavras, a nossa análise se cingiu nos casos em que a reduplicação da forma fonológica X resulta em forma fonológica XX. Como o guineense permanece, até então, como uma língua sem grafia oficial estabelecida, os vocábulos, neste estudo, são grafados da mesma forma que estão representados em Scantamburlo (2002) e em itálico. No caso dos termos que acrescentamos, tentamos, ao máximo, adequá-los a essa representação. Ou seja, nos dados de Scantamburlo (2002), seguiu-se a grafia usada pelo autor. Nos demais dados coletados com falantes nativos, seguiram-se os critérios desse mesmo autor. Feitas essas considerações, passemos à análise da reduplicação no guineense.

4 REDUPLICAÇÃO NO GUINEENSE

A reduplicação constitui um mecanismo muito recorrente nas línguas para a criação de novos itens lexicais. O seu processo morfológico poderá resultar em itens que indiquem distribuição, intensificação, ato progressivo e iteração. Conforme argumenta Couto (2009, p. 69-79), a reduplicação em português brasileiro, na maioria das vezes, tem função de derivar substantivo a partir do verbo. O autor acrescenta ainda que, no caso específico do guineense, a reduplicação não altera a categoria da palavra, mas indica uma intensificação. Sobre esse ponto, deve-se ter em mente que, no guineense, há casos em que a palavra reduplicada pode assumir, para além da categoria que comporta na sua forma simples, outra categoria; um exemplo é o caso da expressão *toka* ‘tocar’, cuja reduplicação *toka-toka* significa ‘transporte coletivo’. O nome *toka-toka* diz respeito ao fato que os passageiros estão sempre muitos apertados e tocam-se (Scantamburlo, 2002).

Outro fato digno de constatação é, segundo Novotna (2000, p. 59), a possibilidade de ocorrência de algumas modificações no processo reduplicativo, tais como queda ou alternância vocálica, metátese, entre outras. Essa advertência se mostra

não só pertinente como nos convida também a pensar as características desse fenômeno no guineense, assunto que será objeto do item 4.1.

4.1 Propriedades formais

A tendência da reduplicação no guineense é a não ocorrência de nenhuma modificação da base; dizendo de outro modo, não ocorre perda de material segmental, como se observa em (7).

- (7)
- | | |
|-----------------------------------|--|
| a. <i>pidi</i> ‘pedir; solicitar’ | <i>pidi-pidi</i> ‘mendigar; esmolar’
(Scantamburlo, 2002, p. 460) |
| b. <i>djungu</i> ‘cochilar’ | <i>djungu-djungu</i> ‘cochilar com frequência ou continuamente’
(Dados dos autores) |

Não obstante a observação feita, há casos em que certas mudanças podem ocorrer, como o apagamento da vogal átona final da base, em oposição ao reduplicante que a mantém, conforme demonstrado nos exemplos em (8a, b, c).

- (8)
- | | |
|---|--|
| a. <i>kuri</i> ‘correr’ | <i>kur-kuri</i> ‘correr de forma contínua’ |
| b. <i>djur-djuri</i> ‘desgrenhar ou despentear os cabelos’ | * <i>djuri</i> |
| c. <i>ier-ieri</i> ‘chuviscar; espalhar grão’
(Scantamburlo, 2002) | * <i>ieri</i> |

FLP 22(2)

Não encontramos dados que comprovam a existência da base dos exemplos em (8b) e (8c). Contudo, é possível que tenham entrado para a língua via empréstimo já nas suas formas reduplicadas, haja vista que para o termo *ier-ieri*, evidências apontam para uma possível origem mandinga *yéeri*, cujo significado é ‘espalhar grãos’ (Scantamburlo, 2002, p. 223), mas também pode ser que tenha havido um abandono da forma não reduplicada (entrou em desuso). Porém, do ponto de vista sincrônico, são casos de reduplicação falsa.

Por outro lado, o acréscimo de objetos linguísticos à forma reduplicada constitui elemento característico da reduplicação nessa língua. Isso acontece devido ao morfema *-du*⁹, o qual Scantamburlo (2002, p. 140) concebe como “sufixo acrescentado aos verbos transitivos ou causativos na forma do passivo”, que é linearmente ligado à forma reduplicada para formar adjetivos. Vejamos os exemplos em (9a, b, c).

- (9)
- | | |
|--|--|
| a. <i>nbafi</i> ‘puxar os cabelos; agarrar; pegar energicamente’ | <i>nbafi-nbafidu</i> ‘diz-se dos cabelos despenteados’ |
|--|--|

⁹ Nos exemplos com a partícula de participípio *-du*, temos a associação do *-du* à palavra inteira, o que, desconsiderando a estrutura interna, sinaliza que a forma reduplicada se comporta como uma palavra prosódica da língua. Esse comentário é de um revisor anônimo que nos chamou atenção para este fato e a quem agradecemos.

(Dados dos autores)

b. <i>sapa</i> ‘cortar’	<i>sapa-sapadu</i> ‘cortado aos pedaços’
c. <i>pinta</i> ‘aplicar cores’	<i>pinta-pintadu</i> ‘de várias cores; polícrono’ (Scantamburlo, 2002)

Respeitante à característica silábica, observa-se que, no guineense, a reduplicação pode partir de uma base monossilábica (10a), dissilábica (10b) e trissilábica (10c)¹⁰.

(10)	
a. <i>kai</i> ‘cair; dar queda; tombar’	<i>kai-kai</i> ‘cair de modo repetitivo’ (Dados dos autores)
b. <i>ianda</i> ‘andar’	<i>ianda-ianda</i> ‘andar por todos os lados’
c. <i>sugundi</i> ‘esconder’	<i>sugundi-sugundi</i> ‘esconde-esconde’ (Scantamburlo, 2002)

Até aqui nos limitamos tão somente à discussão dos aspectos característicos da reduplicação no guineense. Vimos que, nessa língua, o reduplicante geralmente tende a copiar na íntegra o material constituinte da base, não obstante algumas modificações que podem ocorrer. A seguir, aprofundaremos o debate e questões como funções e categorias gramaticais dos itens serão consideradas.

FLP 22(2)

4.2 Discussão

Kouwenberg e Murray (1994, p. 21), ao estudarem o papiamentu, verificaram que a reduplicação nessa língua se aplica tanto a categorias gramaticais quanto a lexicais. Para a primeira categoria, esses estudiosos distinguiram a função de intensificação, cujo input pode ser uma palavra de qualquer categoria lexical, e a função distributiva que se vale de “nomes contáveis e de palavras que referem à quantidade (numerais, alguns nomes e advérbios) como *input*” (Kouwenberg; Murray, 1994, p. 21, tradução nossa). No que interessa à segunda categoria, estabelecem-se dois tipos de relação semântica: na primeira, a reduplicação se refere à múltipla ocorrência daquilo que é veiculado pela palavra-base e, na segunda, a reduplicação aponta para um objeto ou uma atividade que tem o que é descrito pela palavra-base como a característica mais saliente. O guineense, por seu turno, comunga desse processo. Com efeito, apresentaremos os dados referentes à reduplicação no guineense, cuja análise foi feita através das seleções de categorias gramaticais de cada item e, além disso, analisaremos suas respectivas funções gramaticais e lexicais, que serão representadas por meio de quadros (1, 2, 3, 4, 5, e 6). Cada resultado será discutido separadamente.

¹⁰ O acento nesta língua é determinado pela “estrutura silábica e a categoria gramatical das unidades acentuais”, de acordo com Chapouto (2014, p. 17), razão pela qual não se pode fazer generalização. Segundo essa autora, nos verbos, por exemplo, geralmente a última sílaba é sempre tônica, mas, “quando o proclítico (N-) se junta à sílaba inicial do verbo, esta recebe o acento” (Chapouto, 2014, p. 18).

Quadro 1 – Categoria verbal sem mudança categorial entre a palavra-base e a reduplicada.

Palavra-base	Forma reduplicada
<i>Djubi</i> ‘olhar’	<i>Djubi-djubi</i> ‘procurar por toda parte’
<i>Ndjudja</i> ‘ajeitar/unir’	<i>Ndjudja-Ndjudja</i> ‘continuar a ajeitar ou continuar a unir’
<i>Falta</i> ‘ausentar-se’	<i>Falta-falta</i> ‘ausentar-se com frequência’
1) <i>Tcapa</i> ¹¹ ‘consertar/emendar’	<i>Tcapa-tcapa</i> ‘consertar ou emendar vários itens’; ‘tipo de vestimenta/roupa’
2) <i>Tcapa</i> ‘apanhar’ ou ‘segurar algo lançado’	<i>Tcapa-tcapa</i> ‘apanhar ou assegurar algo de modo repetitivo’

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 1, os itens mantêm a mesma categoria verbal, tanto na palavra base assim como na forma reduplicada. Esses casos são mais frequentes na categoria verbal, e as formas reduplicadas estabelecem relações semânticas com as bases, como em *falta* ‘ausentar-se’ e na sua forma reduplicada *falta-falta* ‘ausentar-se com frequência’. Nesse caso, embora seja perceptível a função de regularidade da ação na segunda forma, preserva-se a ideia predefinida pelo verbo, ‘ausentar-se’. Portanto, tanto *falta* quanto *falta-falta* são verbos, conforme evidenciado em (11a) e (11b) nesta ordem.

(11)

a. I *falta* aula di português
 3SG¹² *faltar*.PERF aula PREP português
 ‘Ele faltou à aula de português’

b. I *falta-falta* aula de português
 3SG *faltar* repetidas vezes.PERF aula PREP português
 ‘Ele faltou repetidas vezes à aula de português’

(Dados dos autores)

Constata-se também que é comum existir mais de um significado expresso pelas mesmas palavras-base e reduplicadas. Exemplo disso é o caso de *tcapa* ‘consertar/emendar’ e *tcapa-tcapa* ‘consertar ou emendar vários itens’, que contêm outros significados como: *tcapa* ‘apanhar’ ou ‘segurar’ e *tcapa-tcapa* ‘apanhar’ ou ‘segurar algo lançado de modo repetitivo’ ou ainda referindo-se a ‘um tipo de vestimenta/roupa’. Enfim, o mesmo item pode ter diversos significados e apresentar mais do que uma função gramatical, pois a mesma forma reduplicada *tcapa-tcapa* no

¹¹ No quadro 3, apresentaremos o *tcapa* com significado nominal. Na sequência, teceremos argumentos morfosintáticos que comprovam a versatilidade do termo.

¹² Significado das siglas dos exemplos (11, 12, 13 e 14): **3SG** terceira pessoa do singular; **PERF** perfectivo; **PREP** preposição; **1PS** primeira pessoa do singular; **2SG** segunda pessoa do singular; **1PL** primeira pessoa do plural; **N** nome; **POSS** possessivo.

último exemplo (com significado verbal) apresenta a função iterativa, enquanto que a primeira indica a distributiva que será discutida no quadro 5.

Quadro 2 – Categoria verbal que apresenta categorias variáveis na forma reduplicada.

Palavra-base (verbo)	Forma reduplicada (verbo ou nome)
<i>Djunda</i> ‘puxar’	<i>Djunda-djunda</i> ‘puxa-puxa’ ou ‘disputar algo, litígio, confusão’
<i>Toka</i> ‘tocar’	<i>Toka-toka</i> ‘nome dos transportes coletivos da Guiné-Bissau’ ou ‘chegar-se/ajeitar-se’

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dois itens (*djunda* ‘puxar’ e *toka* ‘tocar’) são exemplos dos poucos itens verbais (constituem 3,03% do conjunto dos dados) do guineense que, nas suas formas reduplicadas (*djunda-djunda* ‘puxa-puxa’ ou ‘disputar algo, litígio/confusão’ e *toka-toka* ‘chegar-se’ ou ‘nome do transporte coletivo urbano da Guiné-Bissau’), assumem duas categorias gramaticais, isto é, verbo e nome. A expressão *toka-toka*, por exemplo, serve para referir ao transporte coletivo urbano, nesse caso, é um nome e também tem o sentido do verbo ‘chegar-se’, ‘ajeitar-se’ ou ‘tocar’, conforme indicado nas sentenças em (12a) e (12b), nesta ordem.

(12)

- a. No bai pa Bande na *toka-toka*
 1PL ir.PERF PREP Bande PREP N
 ‘Nós fomos a Bande de *toka-toka*’
- b. N *toka-toka* pa i pudisinta
 1SG ajeitar repetidas vezes.PERF PREP 3SG poder sentar.PERF
 ‘Ajeitei-me para que ele/ela pudesse sentar’
- (Dados dos autores)

FLP 22(2)

Quadro 3 – Categoria nominal que apresenta variação categorial na forma reduplicada.

Palavra-base	Forma reduplicada
<i>Kurva</i> ‘traço de uma estrada que não é reta’	<i>Kurva-kurva</i> ‘fazer várias curvas’ ou ‘estrada com curvas’
<i>Marka</i> ‘traço, sinal, vestígio’	<i>Marka-marva</i> ‘fazer marcas’
<i>Piska</i> ‘pesca’	<i>Piska-piska</i> ‘pescar continuamente’ ou ‘sirene, pisca-alerta’
<i>Tcapa</i> ‘chapa’	<i>Tcapa-tcapa</i> ‘consertar/emendar vários itens’; ‘tipo de vestimenta/roupa’

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 3, as formas bases expressam noções de nome, mas pelas suas naturezas na língua podem funcionar como verbos, isto a depender do contexto, por isso, possuem mais de uma entrada na língua. Exemplificamos esse fato com a palavra-base *marka* ‘traço, sinal, vestígio’ em (13a) e (13b). No primeiro exemplo, ela exerce a função nominal e no segundo, verbal.

(13)

- a. N odja *marka* na tcon
 1SG ver.PERF marca PREP chão
 ‘Eu vi marca no chão’
- b. Bu *marka* runion pa amanhã
 2SG marcar.PERF reunião PREP amanhã
 ‘Tu marcaste reunião para amanhã’
 (Dados dos autores)

Essa constatação justifica a existência de reduplicações no guineense que apresentam categorias diferentes, conforme visto no quadro 3. Os vocábulos que servem de base no quadro 3 foram vistos sob perspectiva nominal, porém, nas suas formas reduplicadas, não seguem apenas a mesma categoria, assumem também outras. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo o vocábulo *tcapa* que significa, dentre outras significações possíveis, ‘folha de metal, espécie de zinco’, mas, na sua forma reduplicada, *tcapa-tcapa*, pode significar ‘consertar/emendar’, sustentando a alteração da classe gramatical outrora defendida, pois estamos perante a mudança da categoria nome para verbo. Vejamos os exemplos em (14a) e (14b).

(14)

- a. No pui *tcapa* na kintal
 1PL pôr N PREP quintal
 ‘Nós pomos a chapa de metal no quintal’
- b. Nó *tcapa-tcapa* si sapatu
 1PL consertar repetidas vezes.PERF POSS sapato
 ‘Nós consertamos o sapato dela/dele’
 (Dados dos autores)

Por outro lado, há casos em que a forma base pode manter a mesma categoria na sua forma reduplicada; como exemplo, valer-nos-emos do mesmo vocábulo, *tcapa*, ‘folha de metal, espécie de zinco’, que, na sua forma reduplicada, *tcapa-tcapa*, designa ‘tipo de uma roupa’, cujo produto final é o resultado do emendar dos pedaços de tecidos. Aqui se mantém a categoria gramatical ‘nome’ tanto na forma simples quanto na forma reduplicada. Entretanto, torna-se difícil, neste caso em específico, determinar apenas uma classe como forma base, dado que a forma reduplicada *tcapa-tcapa* ‘tipo de uma roupa’ tanto pode se relacionar com a base nominal ‘folha de metal, espécie de zinco’ quanto com o verbo ‘consertar, emendar’, como aparece no quadro 1.

FLP 22(2)

Quadro 4 – Categoria adverbial sem mudança categorial entre forma base e reduplicada.

Palavra-base	Forma reduplicada
<i>Amanba</i> ‘amanhã’	<i>Amanba-amanba</i> ‘futuramente’
<i>Djanam</i> ‘de imediato/agora’	<i>Djanam-djanam</i> ‘imediatamente’
<i>Gosi</i> ‘agora’	<i>Gosi-gosi</i> ‘agora mesmo/nesse instante’

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 4, nota-se que os advérbios do guineense nas formas reduplicadas estabelecem as relações semânticas com as formas bases e apresentam o predomínio da função modalizadora.

Até aqui a nossa análise se cingiu ao aspecto gramatical da reduplicação, em que, dentre outras coisas, apresentamos e analisamos em quais categorias gramaticais de classes de palavras se aplica o processo de reduplicação no guineense. A seguir, no quadro 5, mostraremos quais funções a reduplicação exerce no guineense. As definições da função gramatical e da função lexical adotadas neste trabalho seguem os moldes de Kouwenberg e Murray (1994), abordadas na abertura desta seção. Para análise, consideramos não somente as funções que Kouwenberg e Murray apresentam, bem como as que já foram identificadas em vários outros textos, nomeadamente, Kabore (1998), Araujo (2002), Bandeira e Freitas (2012) e Freitas e Bandeira (2016). Portanto, será uma retomada da discussão de tais funções.

FLP 22(2)

Quadro 5 – Funções gramaticais da reduplicação no guineense.

Funções	Palavra-base	Forma reduplicada
Intensificação	<i>Kinti</i> ‘quente’	<i>Kinti-kinti</i> ‘muito depressa; rapidamente’
Iterativa/Repetitiva	<i>Djukuta</i> ‘pular’	<i>Djukuta-djukuta</i> ‘saltar ou pular de um lado para outro o tempo todo’
Regularidade	<i>Falta</i> ‘ausentar’	<i>Falta-falta</i> ‘ausentar sempre/ausentar com frequência’
Distributiva	<i>Muntu</i> ‘monte’ <i>Tris</i> ‘três’	<i>Muntu-muntu</i> ‘aos montes’ <i>Tris tris</i> ‘três por três/três em três’

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro 5 destaca itens que comprovam a existência de quatro funções gramaticais que aparecem no processo da reduplicação no guineense até o presente momento do nosso estudo. A forma reduplicada *kinti-kinti* ‘muito depressa/rapidamente’ intensifica a ação predefinida pelo vocábulo-base (*kinti* ‘quente’). Por seu turno, a função iterativa sugere que uma ação é continuamente repetitiva. Esse, segundo Araujo (2002, p. 75), “é um tipo comum de reduplicação nas línguas do mundo” e é a que aparece com mais frequência no guineense (perfazendo 51,51% do corpus analisado). O termo *djukuta* ‘pular’, na sua forma reduplicada *djukuta-djukuta* ‘pular e pular de novo’, é tido como um único evento de pular, no entanto, de forma repetitiva. Além disso, destaca-se a função da regularidade com a forma *falta-falta*, cujo significado é ‘ausentar com frequência’, isso quer dizer, a ação de *falta* ‘ausentar’ perdura por um tempo regular, essa ideia é sempre expressa na forma reduplicada. Constata-se também a função distributiva em *muntu-muntu* ‘aos montes’ e *tris-tris* ‘três por três/três em três’. A ideia aqui se refere à ação distributiva que pode ser aos montes ou em grupos de três.

O quadro 6, abaixo, diz respeito às funções lexicais da reduplicação no guineense. Nele estão representadas as quatro funções lexicais até aqui observadas.

Quadro 6 – Funções lexicais da reduplicação no guineense.

Relações	Vocábulo-base	Forma reduplicada
Múltipla ocorrência daquilo que é veiculado pela palavra-base	<i>Pinga</i> ‘gotejar’ <i>Riska</i> ‘riscar’	<i>Pinga-pinga</i> ‘várias goteiras’ <i>Risku-risku</i> ‘diz-se dos objetos que apresentam um <i>design</i> listrado’
Modalização	<i>Amanba</i> ‘amanhã’	<i>Amanba-amanba</i> ‘futuramente’
Alteração do campo semântico	<i>Kor</i> ‘cor’	<i>Kor-kor</i> ‘nome duma espécie de peixe’
Descrição pela palavra base como a característica mais proeminente	<i>Serka</i> ‘perseguir com objetivo de apanhar’	<i>Serka-serka</i> ‘um tipo de brincadeira (jogo) que consiste em perseguir a pessoa com intuito de apanhá-la’

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse último quadro (6), é possível compreender as possíveis relações lexicais que ocorrem entre o vocábulo-base e a forma reduplicada. As palavras guineenses *pinga* ‘cair uma gota/gotejar’ e *riska* ‘riscar’ e as suas formas reduplicadas, *pinga-pinga* ‘várias goteiras’ e *risku-risku* ‘diz-se dos objetos que apresentam um *design* listrado’, respectivamente, estabelecem uma relação de múltipla ocorrência, porque as formas reduplicadas projetam a ideia de multiplicação da ação dos verbos relativos a ‘gotejar’ e ‘riscar’. Os advérbios *amanba* ‘amanhã’ e *amanba-amanba* ‘futuramente’ mantêm a noção do tempo definida pela palavra-base, isto é, a ideia do futuro, no entanto, essa

FLP 22(2)

ideia é indeterminada na forma reduplicada, pois quando se diz futuramente, não se sabe o tempo exato no futuro. A terceira função nos remete à ideia de alteração do significado. Todavia, o termo *kor-kor*, que designa uma espécie de peixe, terá sido eventualmente dado a esse peixe por apresentar cores diferentes, essa posição não invalida a noção da alteração do campo semântico, pois o resultado dessa combinação proveniente da reduplicação da palavra *kor* ‘cor’ nos submete a um novo significado, peixe, mas não um qualquer, uma espécie específica de peixe, chamado de *kor-kor*.

Além disso, uma quarta função observada é quando a forma reduplicada remete a um objeto ou atividade que tem o que é descrito pela palavra-base como a característica mais proeminente. Um exemplo desse caso é a palavra *serka* ‘perseguir com objetivo de apanhar’, da qual se forma *serka-serka* ‘um tipo de brincadeira (jogo) que consiste em perseguir a pessoa com intuito de apanhá-la’. Portanto, temos aqui uma atividade, o jogo, cuja essência é descrita pela palavra-base, isto é, *serka*: perseguir com a finalidade de apanhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos dados de um corpus que serviu de base para este estudo, constatamos que a reduplicação é um recurso utilizado no guineense moderno para transmitir novas informações. Araujo (2002, p. 75) propôs que a função iterativa/repetitiva “é um tipo comum de reduplicação nas línguas do mundo” e no português brasileiro em particular. É, por conseguinte, esta função que surge com maior expressividade no guineense; ou seja, quando o vocábulo base é um verbo, a reduplicação tende a funcionar, na maioria das vezes, como ato iterativo que indica que uma ação é continuamente repetitiva. Além disso, observou-se que o verbo é a classe gramatical em que mais se aplica o processo da reduplicação.

Dentre as funções gramaticais, era de se esperar que a iterativa se apresentasse como a mais predominante, considerando que, no levantamento de dados, é a que aparece com maior expressividade, e isso se confirmou. Em alguns casos, é possível constatar diferenças no nível semântico entre a palavra-base e a reduplicada como, por exemplo, em *tcapa* ‘folha de metal, espécie de zinco’ e *tcapa-tcapa* ‘consertar ou emendar vários itens’ ou ‘tipo de vestimenta’. No que tange às funções lexicais, nota-se, até o momento, que o guineense apresenta quatro tipos de relações semânticas: múltipla ocorrência da ideia veiculada pela base (*pinga* ‘gotejar’ – *pinga-pinga* ‘várias goteiras’), descrição do tempo pela palavra-base (*amanha* ‘amanhã’ – *amanha-amanha* ‘futuramente’), descrição de um objeto ou atividade pela palavra-base através da característica mais proeminente (*serka* ‘perseguir com objetivo de apanhar’ – *serka-serka* ‘um tipo de brincadeira (jogo) que consiste em perseguir a pessoa com intuito de apanhá-la’) e diferença semântica (*kor* ‘cor’ – *kor-kor* ‘nome duma espécie de peixe’).

No que concerne aos tipos de reduplicação, salienta-se que não se observou nenhum caso de reduplicação parcial, todavia, este estudo ainda é inicial e precisa ser continuado. Constatamos a possibilidade de ocorrência de queda ou acréscimo de elementos linguísticos à forma reduplicada, contudo, todos os casos verificados foram de reduplicação total, o que, assim sendo, corrobora a ideia de identidade segmental e prosódica entre o reduplicante e a base. Por outro lado, vimos que a reduplicação pode partir de uma base monossilábica, dissilábica e trissilábica. Mesmo assim, seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o mapeamento da reduplicação para

FLP 22(2)

saber se o que é copiado é o *template CV* ou o *template* prosódico (no caso, a palavra prosódica). Sendo assim, esse será o próximo passo a fim de aprofundar aspectos não contemplados aqui.

REFERÊNCIAS

- Araujo G. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*. 2002;10(1):61-90.
- Augel MP. O desafio do escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond; 2007.
- Bandeira M, Freitas S. A reduplicação no papiamentu. *PAPIA*. 2012;22(2):323-334.
- Carreira A. Cabo Verde: formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878). Bissau: Centro de estudos da Guiné Portuguesa; 1972.
- Chapouto SM. Contribuição para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense [dissertação]. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra; 2014.
- Couto H. O crioulo português da Guiné-Bissau. Hamburg: Buske; 1994.
- Couto H. Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau. *PAPIA*. 2009;19:69-79.
- Freitas S, Bandeira M. Análise morfológica dos crioulos do golfo da Guiné e do kabuverdianu. *Estudos linguísticos*. 2016;45(1):242-256.
- Gonçalves C, Vialli L. Por uma abordagem compreensiva da reduplicação no português brasileiro. *Pontos de integração*. 2015;5(1):123-141.
- Kabore R. La réduplication. *Les langues d'Afrique subsaharienne: faits de langues*. 1998;11-12:359-376.
- Kager R. *Optimality theory*. Cambridge: Cambridge University Press; 1999.
- Kihm A. *Kriyol syntax*. Amsterdam: Benjamins; 1994.
- Kiyomi S. A new approach to reduplication: a semantic study of noun verb reduplication in the Malayo-Polynesian languages. *Linguistics*. 1995;33(6):1145-1167.
- Kouwenberg S, Murray E. *Papiamentu*. München: Lincom Europa; 1994.
- Lusekelo A. A description of kinyakyusa reduplication. *Journal of Theoretical Linguistics*. 2009; 6(2):18-37.
- Mello MA. A questão da produtividade morfológica no guineense [tese]. Brasília: Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília; 2007.
- Naro AJ. A study on the origins of pidginization. *Language*. 1978;54(2):314-347.
- Novotna J. Reduplication in swahili. *Afrikanische Arbeitspapiere*. 2000;64:57-73.
- Rougé JL. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda - Revista de estudos guineenses*. 1986;2:28-49.

FLP 22(2)

Scantamburlo L. Dicionário do guineense, volume I – introdução e notas gramaticais. Lisboa: Edições Colibri/FASPEBI; 1999.

Scantamburlo L. Dicionário do guineense, volume II – dicionário guineense-português. Bissau/Bubaque: Edições FASPEBI; 2002.

Semedo OC. Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala; 2011.

Urbanczyk S. Phonological and morphological aspects of reduplication. Oxford: Oxford University Press; 2018.

LISTA DE DADOS

Formas reduplicadas e seus respectivos significados

1.	amanha-amanha	futuramente;
2.	aos-aos	hoje mesmo;
3.	bagana-bagana	desprender em vários lugares;
4.	budji-budji	muito gordo;
5.	buli-buli	agitar-se; mexer constantemente;
6.	djanam-djanam	imediatamente;
7.	djanti-djanti	andar com muita pressa;
8.	djubi-djubi	continuar a observar com atenção; procurar por toda parte/por todos os lados;
9.	djukuta-djukuta	saltar ou pular de um lado para outro o tempo todo;
10.	djumna-djumna	desafio para saber quem chegará primeiro; corrida;
11.	djunda-djunda	puxa-puxa;
12.	djunda-djunda	disputar algo;
13.	djunda-djunda	litígio; confusão;
14.	djungu-djungu	dormitar/cochilar com frequência ou de forma contínua;
15.	djuri-djuri	desgrenhar ou despentear os cabelos;
16.	fala-fala	falar várias vezes; falar confusamente; dizer por dizer;
17.	falta-falta	ausentar sempre; ou ausentar com frequência;
18.	febri-febri	estar sempre doente com febre;
19.	fidi-fidi	fazer muitas feridas;
20.	fura-fura	fazer vários furos; ir de um lado para outro; penetrar em todos os lados;
21.	furta-furta	furtar ou roubar frequentemente;
22.	fuska-fuska	crepúsculo;
23.	gosi-gosi	agora mesmo; neste instante;
24.	ianda-ianda	andar por todos os lados;
25.	iasa-iasa	cozinhar sobre o fogo de modo contínuo;
26.	ientra-ientra	entrar várias vezes;
27.	ieri-ieri	chuviscar;
28.	kai-kai	cair repetidas vezes; dar quedas constantes; tombar muitas vezes;
29.	kala-kala	silenciar-se;
30.	kanta-kanta	continuar a celebrar, cantando; continuar a cantar;
31.	kinti-kinti	muito depressa; rapidamente;
32.	konta-konta	continuar a expor/a contar;
33.	konta-konta	mentir;
34.	kor-kor	espécie de peixe;
35.	korta-korta	cortar em pedaços; dividir em pedaços;
36.	kuri-kuri	continuar a correr ou a fugir;
37.	kurva-kurva	fazer, ter ou ser de várias curvas;
38.	lansa-lansa	lançar ou atirar com frequência;
39.	lati-lati	perder toda força até desmaiar; estar sem nenhuma

FLP 22(2)

		energia;
40.	lati-latidu	muito enfraquecido; muito flácido ou fofo;
41.	lei-lei	ler várias vezes;
42.	manda-manda	dar ordem várias vezes;
43.	manda-manda	encomendar com frequência;
44.	marka-marka	fazer várias marcas;
45.	menda-menda	fazer muitas correções, emendas ou modificações;
46.	miskinha-miskinha	lamentar continuamente;
47.	mopi-mopi	muito amolgado ou machucado;
48.	mopi-mopi	ter muitas mossas;
49.	mpulma-mpulma	continuar a fazer inquéritos ou a pedir informações por todo lado;
50.	muntu-muntu	aos montes;
51.	murdi-murdi	morder por todas as partes;
52.	n'uri-n'uri	continuar a juntar os sobejos da comida;
53.	ndjarga-ndjarga	continuar a buscar refúgio; a abrigar-se ou a esconder-se;
54.	ndjita-ndjita	continuar a consertar provisoriamente ou a pôr a jeito;
55.	ndjudja-ndjudja	continuar a pôr juntos ou a unir;
56.	nhafi-nhafidu	diz-se dos cabelos despenteados;
57.	nhinhi-nhinhi	rir sem graça; sorrir de maneira contínua;
58.	nsomba-nsomba	agir de maneira jeitosa e um bocado fingida para obter favores de alguém.
59.	padasa-padasa	continuar a despedaçar;
60.	padjiga-padjiga	continuar a dispersar;
61.	paka-paka	diz-se do comportamento de pessoas que, de noite, passam de um sítio para outro em busca de bebidas e de companhia;
62.	palpa-palpa	apalpar de forma contínua; continuar a examinar; sondar profundamente;
63.	panta-panta	continuar a provocar medo; assustar-se sempre;
64.	pati-pati	oferecer muitas vezes para outro;
65.	peteli-peteli	estar sempre a abrir ou arregalar os olhos;
66.	pidi-pidi	mendigar; esmolar;
67.	pindra-pindrada	suspenso;
68.	pinga-pinga	várias goteiras;
69.	pinta-pintadu	de várias cores; policromo;
70.	pintca-pintca	continuar a dar empurrões; esforçar-se de ir por diante ou para diante;
71.	piska-piska	pescar de forma contínua;
72.	piska-piska	sirene; pisca-alerta;
73.	punta-punta	perguntar por todos os lados; inquerir; sondar;
74.	rabata-rabata	continuar a tirar algo sem esperar pela sua vez ou sem escrúpulo; apanhar algo com atrapalhão ou azáfama;
75.	rapidu-rapidu	rapidamente; muito rápido;
76.	raspa-raspa	roçar várias vezes;
77.	rasta-rasta	rastejar por todos os lados;
78.	risku-risku	diz-se dos objetos que apresentam um <i>design</i> listrado;
79.	ronda-ronda	dar muitas voltas ao redor de;
80.	sabi-sabi	muito fácil;
81.	sabi-sabi	muito saboroso;
82.	sapa-sapa	cortar em pedaços; dividir em pedaços;
83.	sapa-sapadu	cortado aos pedaços;
84.	serka-serka	continuar a perseguir para apanhar ou para afastar; tipo de jogo;
85.	singa-singa	continuar a cambalear;
86.	somna-somna	fazer barulho várias vezes;
87.	splika-splika	dar explicações continuamente;
88.	sugundi-sugundi	continuar a ocultar-se;
89.	sugundi-sugundi	esconde-esconde; o jogo das escondidas;

FLP 22(2)

90.	sugundi-sugundidu	escondido;
91.	taka-taka	engordar excessivamente;
92.	tapa-tapa	tentar acertar ou cobrir os buracos;
93.	tarbadja-tarbadja	trabalhar continuamente;
94.	tcan-tcan	muito firme;
95.	tcapa-tcapa	apanhar ou segurar algo de modo repetitivo;
96.	tcapa-tcapa	consertar ou emendar vários itens;
97.	tcapa-tcapa	tipo de vestimenta; roupa resultante de emendar dos tecidos;
98.	tcora-tcora	chorar de forma contínua;
99.	toka-toka	chegar-se ou ajeitar-se repetidas vezes;
100.	toka-toka	transporte coletivo;
101.	tris-tris	três por três; três em três

FLP 22(2)